

INSTITUTO MISSÕES CONSOLATA

BIÊNIO SOBRE A PESSOA

29 de janeiro de 2021 - 29 de janeiro de 2023

Ficha 15 – março de 2021

Dimensão Missionária

FORMADOS PELA REALIDADE

“Levanta-te, vai a Nínive a grande cidade” (Jonas 1,2)

De tudo sou capaz Naquele que me dá força !
(Fil. 4,13)



**Biênio
sobre a pessoa**

PENSAMENTOS INICIAIS

“Fez-me habitar na cidade por Ele amada” (Eclo 24,11)

*"Se quiseres compreender uma cidade, não te contentes com a leitura da sua história ou com a observação dos seus monumentos, tens de falar com as pessoas, nos mercados, nas casas e nas lojas". (Lewis Mumford, *The city in History*, 1961)*

*"Mas qual é o lugar de contacto entre o Evangelho e as pessoas? A resposta é clara: a vida ordinária de todos e de cada um, este é o território da missão. Um coração missionário reconhece a condição real em que se encontram as pessoas reais, com as suas limitações, pecados, fraquezas, e é aí que nos tornamos "fracos com os fracos e caminhamos segundo o seu passo". (1 Cor 9:22)". (cf. Papa Francisco, *Mensagem às Obras Missionárias Pontifícias*, 21 de Maio de 2020)*

*"Gostei dos teus diários, especialmente pela candura com que os escreves. Continua a escrevê-los sempre assim, pensando que estás a falar com um pai que te ama ternamente em Jesus, e que não os lê aos outros, exceto naquelas coisas que não são confidenciais" (Beato Allamano, *Carta ao Irmão Benedetto Falda*, 3 de Fevereiro de 1904; em *Lettere*, IV, 30).*

STATUS QUAESTIONIS – A cidade desafia-nos

“Pobrezas urbanas” e IMC

Na sequência dos recentes Documentos do Magistério, o Instituto conta já há algum tempo as "pobrezas urbanas" entre os contextos da

Missio ad gentes, como o 10º Capítulo Geral de Sagana indicou claramente: "por ordem de precedência: não-cristãos, **pobrezas urbanas**, minorias étnicas, serviços qualificados, justiça e paz". ... O êxodo dos campos trouxe massas de pessoas desempregadas para as grandes cidades, sobrevivendo diariamente como podem mas sem segurança alguma. Estes são os novos pobres, à margem de tudo. É um desafio à evangelização, um "lugar" de *ad gentes*, que está entre as nossas prioridades". (X CG; XI CG, 24; XIII CG, 109)

A missão hoje incita-nos a atravessar as zonas marginais, as periferias da decadência, onde há tantos "não-cidadãos", "meio-cidadãos" ou "restos urbanos" e a frequentar as solidões das cidades-gueto, onde as casas e bairros são construídos mais para isolar e proteger do que para ligar e integrar; "... *onde surgem novos costumes e modelos de vida, novas formas de cultura e comunicação, que depois influenciam a população... não se pode evangelizar indivíduos ou pequenos grupos, negligenciando os centros onde nasce uma nova humanidade com novos modelos de desenvolvimento. O futuro das nações jovens está a ser formado nas cidades*". (RM. 37 b)

Na escola do profeta Jonas

Pobre Jonas! Não existe nada a não ser ele próprio, o seu mal, a sua insatisfação. É como os homens e mulheres do nosso tempo, individualistas, insatisfeitos e tristes. Gostariam de ter um Deus justiceiro mas em vez disso vêm-se confrontados com um Deus de misericórdia! E não O aceitam, porque a misericórdia mina o egoísmo e empurra-nos para fora de nós próprios. As palavras da resposta final de Deus esclarecem a posição absurda de Jonas e a posição aparentemente pouco razoável de Deus: Jonas olha com compaixão, mas apenas para aquilo que mexe com a sua vida e o seu bem-estar; por esta razão não compreende Deus, que olha com compaixão para uma grande cidade como Nínive.

"Deus disse a Jonas: "Parece-te bem estar tão indignado com uma planta de rícino?". Ele disse: "Sim, parece-me bem; estou tão indignado com isso que choro pela morte". Mas o Senhor respondeu-lhe: "Tens pena da planta

de rícino, pela qual não trabalhastes e que não fizestes crescer, e que cresceu numa noite e noutra noite pereceu; e não deveria eu ter pena de Nínive, aquela grande cidade, na qual vivem mais de cento e vinte mil pessoas que não conseguem distinguir entre a mão direita e a esquerda, e um grande número de animais?” (Jonas 4,9-11)

As três secções desta ficha são inspiradas pela vida do profeta Jonas, que é um modelo do missionário que, ainda hoje, é chamado a sair de si mesmo, dos seus preconceitos, dos seus próprios encerramentos, para atravessar as cidades e aldeias, habitar as periferias existenciais para aí anunciar a misericórdia de Deus.

A cidade global

Jonas é enviado a profetizar em Nínive, a periferia mais hostil e impossível de avizinhar, o pior dos inimigos, porque é considerada responsável pelo fim do reino de Israel. Basta ler o que o livro do profeta Naum diz a respeito dela: “Ai da cidade sanguinária e traidora, cheia de rapina, insaciável de despojos!” (3,1).

Nínive é apresentada duas vezes como "a grande cidade, que leva três dias a atravessar", tão semelhante às megalópoles contemporâneas, com "mais de cento e vinte mil habitantes" (4:11), e Jonas tem de **caminhar através dela** para "encontrar e conhecer" o povo daquela cidade.

Neste sentido, Nínive é o protótipo da megalópole da pós-modernidade chamada "cidade – mundo" onde mais de metade da população mundial está concentrada e onde a velocidade e escala da urbanização criou quase mil milhões de pessoas classificadas como "pobres urbanos" que vivem em povoados informais e em bairros de lata.

Deus habita a cidade

Este horizonte urbano é o novo contexto global com o qual a missão da Igreja, a vida cristã e a fé em Deus devem contar; *aí descobrimos as periferias e as suas contradições como ambientes a partir dos quais se pode iniciar um novo modelo de espiritualidade e evangelização*. A cidade é também uma esfera multicultural onde se pode observar um

tecido conjuntivo de grupos de pessoas de diversos países que partilham as mesmas formas de sonhar com a vida e imaginários semelhantes e se constituem em novos sectores humanos, territórios culturais e muitas vezes em cidades invisíveis.

“Precisamos de identificar a cidade a partir dum olhar contemplativo, isto é, um olhar de fé que descubra Deus que habita nas suas casas, nas suas ruas, nas suas praças. A presença de Deus acompanha a busca sincera que indivíduos e grupos efetuam no esforço de encontrar apoio e sentido para a sua vida. Ele vive entre os cidadãos promovendo a solidariedade, a fraternidade, o desejo de bem, de verdade, de justiça. Esta presença não precisa de ser criada, mas sim descoberta, desvendada. Deus não Se esconde de quantos O buscam com coração sincero, ainda que o façam tateando, de maneira imprecisa e incerta”. (EG. 71)

ILUMINAÇÃO

A Palavra de Deus atravessa a realidade

"Jonas começou a andar pela cidade durante um dia e pregava: «dentro de quarenta dias Nínive será destruída!». Os moradores de Nínive acreditaram em Deus e marcaram um dia de jejum e vestiram-se de saco, desde o maior ao mais pequeno. Quando a palavra chegou ao rei de Nínive, ele levantou-se do seu trono, tirou o seu manto, cobriu-se de saco, e sentou-se sobre a cinza". (Jonas 3:4-6)

*O Senhor não perde a coragem. Regressa para falar a Jonas com as mesmas palavras. Desta vez o medroso profeta ouve, concorda em "sair" e ir a Nínive para "conhecer" o povo daquela cidade. Chega a um terço da sua viagem, quando já os habitantes de Nínive "acreditaram em Deus e marcaram um dia de jejum". A "palavra" profética (dabar) chegou aos ouvidos do rei, que pediu penitência e conversão de todos, homens e animais, esperando uma mudança do próprio Deus na sua decisão de destruir a cidade. É a "palavra" de Deus, que Jonas tinha proclamado, que se torna a **protagonista da***

mudança que tem lugar na cidade. É a palavra que põe em movimento a vida e induz Deus à misericórdia.

A Palavra ensina-nos a olhar para a cidade

Deixemos que seja sempre a Palavra de Deus, especialmente o exemplo de Jesus, a sugerir-nos como "atravessar" e "olhar" para a cidade, que necessita não só de serviços, mas também de direção, significado e, sobretudo, de uma alma.

ORIENTAÇÕES - Ousar a novidade

“Deus viu o que eles fizeram e como se converteram da sua má conduta; então, desistiu do mal com que os tinha ameaçado, e não o executou”. (Jonas 3,10)

Deus muda a sua decisão e poupa a cidade. Poderíamos dizer que é o segundo milagre narrado pelo livro, após o da mudança dos habitantes de Nínive, que abandonam o mal e a violência.

Jonas não consegue aceitar a misericórdia excessiva do seu Deus. Ele diz, de facto, depois de ter desabafado a sua raiva até ao ponto de desejar a morte: "Porque sei que sois um Deus compassivo e clemente, lento para a ira e cheio de amor, e que voltais atrás nas ameaças feitas" (4,2). Jonas sabia isso, mas não o partilhava. Chegamos à conclusão que os Ninivitas mudam, Deus muda, mas Jonas não!

Abertos à novidade de Deus

A **novidade** assusta-nos sempre um pouco, porque nos sentimos mais seguros se tivermos tudo sob controlo, se planearmos as nossas vidas e fizermos planos pastorais, de acordo com os nossos próprios esquemas, a nossa própria segurança, os nossos próprios gostos. Tal como Jonas, **também nós demasiadas vezes seguimos Deus, acolhemo-lo, mas apenas até um certo ponto.**

Allamano sabe como apreender a novidade

Ao contrário de Jonas, as mudanças não nos devem assustar porque pertencem profundamente ao dinamismo da missão e são a única garantia para a sobrevivência do nosso Instituto.

Uma releitura interessante da sua história¹, que não se limita a dados cronológicos e convencionais, apresenta efetivamente Allamano na sua capacidade de levar o Instituto **a captar nas mudanças da realidade o surgir de novidades.**

Ele sabe por experiência própria que até mesmo a fundação do Instituto é uma nova ideia acerca de uma realidade estática. Poderia ter-se contentado com os parâmetros habituais, os modelos de missão já existentes, e o que os grandes mestres estavam a ensinar. Em vez disso, Allamano viveu a fundação num estado de investigação, queria que o seu trabalho fosse identificado como o surgir de novas ideias. Ele compreende que o "habitual", o comum, o que funcionou no passado, estão destinados a mudar sobretudo graças à capacidade de se deixar desafiar pela novidade dentro do presente e pela simples evidência dos factos.

Allamano discípulo dos seus missionários

O que fez Allamano para introduzir novas ideias no dinamismo de crescimento da obra a que tinha dado vida?

Um bom livro define-o como Pai e Mestre de Missionários², mas Allamano é também um discípulo dos acontecimentos, dos povos e dos seus missionários.

¹ Alberto Trevisiol, *Profilo d'identità dell'Istituto Missioni Consolata a cent'anni dalla sua fondazione*, in *Documentazione IMC*, n. 59, Maio de 2001. As seguintes considerações que aqui vamos fazer são retiradas diretamente deste trabalho, ou, em alguns casos, readaptadas para a elaboração desta ficha.

² Augusto Castro Quiroga, *Pai e Mestre de Missionários*, Bolonha 1981.

Esta intuição primordial **de si próprio e do seu trabalho como discípulos da missão** torna Allamano recetivo ao devir da história com a qual saberá caminhar e crescer.

Pode-se mesmo dizer que as Constituições, que sancionavam de alguma forma uma maturidade alcançada, não eram a expressão de um Instituto fundado unicamente por Allamano com a colaboração eficiente de Camisassa, mas continham uma dimensão essencial que inseria as suas raízes no espírito e estilo missionário vivido pelos missionários em cuja escola Allamano ele próprio se deixou formar. É verdade que Allamano nunca pôs os pés em África, mas aceitou como parte da identidade da sua fundação o ideal e a forma de o viver daqueles que viviam a missão no terreno.

Surpreendente e única foi a sua capacidade de transformar em carisma a missão tal como era vivida, em perfeita harmonia com a sua vocação de se colocar ao serviço daqueles que queriam fazer missão. É por isso que estabeleceu uma correspondência constante com os seus missionários e a obrigação de confiar a vida de cada dia por escrito **ao papel dos diários**, que considerava para si uma fonte de aprendizagem e formação.

"Lendo-os, Allamano era informado sobre a vida que os seus missionários levavam dia após dia, até aos mínimos detalhes. Lendo-os hoje, fica-se com a impressão de que esses missionários não queriam de modo algum sentir-se desligados do seu Pai. Sabiam também que ele iria ler alguns extratos aos jovens do Instituto para os entusiasmar, e algumas partes foram mesmo publicadas no boletim "La Consolata" para manter vivo o contacto com as pessoas. Tudo isto, no entanto, era secundário. O verdadeiro objetivo dos diários, tanto para Allamano como para os missionários, era que ele pudesse ser informado de tudo e, embora permanecendo em Turim, pudesse acompanhar os seus filhos na difícil tarefa missionária". (Pe. Francesco Pavese)

A este respeito, vale a pena recordar o apelo da Direção Geral na sua Mensagem Programática:

"Na nossa tradição temos vários instrumentos que têm caracterizado a nossa história e que, por várias razões, abandonámos sem os

*substituir por outros instrumentos adequados. Pensemos nos **Diários dos Missionários**, em quanto material temos nesses textos que guardamos com sagrada atenção no nosso Arquivo Geral. Todos sabemos que era precisamente nos Diários que o Fundador confiava para manter contacto com os seus missionários, para poder dar conselhos conhecendo a realidade, para poder caminhar com os missionários nos caminhos da missão... Voltemos a escrever os Diários da Missão e dos Missionários, uma fonte única e ainda insubstituível para bebermos do nosso próprio poço!* (p. 25-26)

A transformação do ambiente

Com esta capacidade de escutar a missão como ela era vivida, Allamano compreendeu que ela se alimentava de outro elemento essencial: o compromisso de "**transformar o ambiente**" que a acolheu e de "**se deixar transformar**" por ele.

A fim de transformar o ambiente, o território Kikuyu foi constantemente "calcorreado" por padres, irmãs e irmãos que aprenderam a olhar de perto para as pessoas que encontravam e a ficar totalmente envolvidos em relações humanas profundas.

As escolhas operacionais feitas pelos missionários nestes inícios poderiam ser todas reduzidas a um denominador comum: **estar com a gente**, a quem eram dedicados o tempo, o dinheiro, os esforços e as capacidades pessoais de cada missionário. Os cuidados com os doentes, as escolas, os catecismos e, sobretudo, as visitas diárias às aldeias, fizeram desaparecer até mesmo a necessidade da missão, entendida como a residência dos missionários.

Enquanto Allamano viveu, regressava frequentemente nas suas cartas aos missionários sobre a necessidade de formar o ambiente desta forma. Apresentava-o frequentemente nas Conferências realizadas na Casa Mãe, recordava-o quando abençoava aqueles que partiam para os diferentes países. Em palavras suas, "a transformação do ambiente" adquiria o valor de um paradigma.

O ambiente transforma os missionários

A transformação do ambiente passava necessariamente pela transformação do próprio missionário, **cabeça e coração incluídos**.

Este elemento de reciprocidade tornou-se o antídoto para a tendência instintiva naqueles que partiam de se agarrarem às certezas do que tinham e eram, pensando que o ideal consistisse em reproduzir na missão um canto da própria identidade.

A transformação do ambiente, por outro lado, era um processo que desestruturava tudo e todos, mesmo as coisas mais sagradas. A entrada neste processo tinha apenas um ponto de partida fixo: **a realidade**.

Era sempre questão de uma realidade desconhecida que exigia que o missionário **se colocasse na sua escola**: aprender a falar, a comer, a gerir, a vestir e a trabalhar de uma forma diferente do habitual.

Em suma, para transformar o ambiente, era preciso tornar-se parte dele aceitando os seus valores, os riscos, a irracionalidade, a pobreza e as muitas facetas representadas pela diversidade dessas gentes.

E assim os missionários começaram humildemente a apreciar o gosto de pedir e receber das pessoas: a sua própria língua, a sua própria jovialidade, a sua própria fé, um acolhimento sem interesse, uma confiança sincera. Eles sentem-se objeto de uma infinita e amorosa paciência e descobrem que mais importante do que aquilo que dão e dizem é aquilo que eles são.

“Atravessar a realidade” para encontrar a novidade

As intuições que emergiram dos primeiros anos de história do Instituto e do testemunho do Beato Allamano são para nós um legado exigente que confirma a importância de nos deixarmos mudar pela realidade, pela bondade das pessoas, e de regressarmos a "calcorrear" cidades e periferias para proclamar um Deus que consola os aflitos, favorece os pobres e cura as feridas da "Nínive dos nossos dias".

Ao mesmo tempo, "daquela escola da vida" vem um aviso convidando a ultrapassar duas atitudes que não permitiram a Jonas apanhar o vento

da novidade: o princípio de "sempre se fez assim" (cf. E.G. 33) e a tendência a refugiar-se na autorreferencialidade.

*“A ideia duma atividade missionária autorreferencial, que passa o tempo a contemplar e autoincensar-se pelas suas iniciativas, seria em si mesma um absurdo. Não gasteis demasiado tempo nem recursos a «olhar para vós mesmos», a elaborar planos centrados nos vossos mecanismos internos, na funcionalidade e capacidades do vosso organigrama. Olhai para fora, não vos olheis ao espelho. **Quebrai todos os espelhos de casa**”.* (Papa Francisco, *Mensagem às Obras Missionárias Pontifícias*, 21 de maio de 2020)

Se queremos converter a nossa visão, temos de descentralizar-nos porque temos de nos preocupar com Nínive! Porque as mudanças nas nossas paróquias, grupos e escritórios só ocorrerão depois de termos dito quais os sinais de graça que vemos hoje nas "Nínives" dos nossos dias e no território à nossa volta, e o que inflama os nossos corações com uma nova compreensão evangelizadora e uma renovada responsabilidade missionária.

Por uma vez esqueçamo-nos um pouco de nós próprios e perguntemo-nos o que a cidade nos dá e do que precisa.

PARA REFLEXÃO PESSOAL E PARTILHA COMUNITÁRIA

1. Que propostas concretas, viáveis e verificáveis, propões para "transformar e deixar-se transformar" pelo ambiente?
2. Como podemos traduzir hoje o exemplo do nosso Fundador?
3. Quais são as "novidades" na sociedade e no mundo globalizado que devem (deveriam) desafiar o Instituto hoje em dia?
4. O que significa hoje "atravessar" as cidades, as aldeias, as periferias?

5. Refugias-te no princípio de "sempre se fez assim" e na autorreferencialidade? Se sim, porquê? Pensas que isso condiciona também a vida e as escolhas do Instituto?
6. Como dar novo ímpeto à "bela tradição" de escrever diários?

ORAÇÃO

Ó Mãe,

ajuda esta cidade a desenvolver os “anticorpos”
contra alguns vírus do nosso tempo:
a indiferença de quem diz: “Não me diz respeito”;
a má educação cívica que despreza o bem comum;
o medo do diverso e do estrangeiro;
o conformismo disfarçado em transgressão;
a hipocrisia de acusar os outros, quando se fazem as mesmas coisas;
a resignação à degradação ambiental e ética;
a exploração de tantos homens e mulheres.

Ajuda-nos a rejeitar estes e outros vírus
com os anticorpos que o Evangelho nos oferece.
Ajuda-nos a adquirir o bom hábito
de ler todos os dias um trecho do Evangelho
e, a teu exemplo, conservar no coração a Palavra,
para que, como uma boa semente, dê fruto na nossa vida.

Obrigado, ó Mãe, porque nos ouves sempre!
Abençoa a nossa Igreja;
abençoa esta Cidade e o mundo inteiro.

Ámen!

(Papa Francisco. *Ato de Veneração à Imaculada na Praça de Espanha*, 8 de dezembro de 2017)